

O QUE APRENDI ESCREVENDO O ARTIGO “IMPORTÂNCIA DA AUTONOMIA PARA A LIBERTAÇÃO DO SER”

Iolete Ribeiro da Silva²⁹⁵

INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresento uma reflexão sobre aprendizados construídos durante o processo de estudo e preparação do trabalho apresentado no IV Simpósio FAK realizado em 2015.

O objeto central desse estudo foi a autonomia. Diante da polissemia desse termo, delimitei o conceito, utilizado no estudo, a partir das duas condições essenciais à autonomia comumente apontadas na literatura acadêmica: a liberdade compreendida como independência de controle externo e a capacidade de ação intencional. Assim trabalhei com a ideia de que “uma pessoa autônoma seria um indivíduo capaz de deliberar sobre seus objetivos pessoais e de agir na direção desta deliberação” (SILVA, 2015, p 256).

Agora em 2017, no V Simpósio, apresento uma reflexão sobre o que eu aprendi sobre o tema e sobre mim ao elaborar este estudo sobre autonomia. Inicialmente apresentarei uma síntese do artigo analisado e em seguida descreverei reflexões sobre o que aprendi sobre o tema, destacando três questões centrais: minhas percepções sobre possíveis comprometimentos dos espíritas que atuam na Amazônia, em relação à autonomia; como percebo na atualidade as expressões de autonomia nas ações de educação e trabalho no bem, realizados no ambiente espírita; reflexões sobre quais poderiam ser as motivações, para o futuro, dos espíritas em relação à autonomia. Em relação aos aprendizados pessoais compartilho reflexões iniciais sobre: os motivos da escolha da autonomia como objeto de estudo; as possíveis relações entre essas reflexões e os desafios que vivencio no presente; e por último o que o estudo do tema me suscitou quanto a inquietudes espirituais que requerem atenção.

DESENVOLVIMENTO

1. O artigo do IV Simpósio: Importância da autonomia para a libertação do ser

O artigo foi elaborado a partir de uma meta-análise sobre autonomia, embasada tanto na literatura espírita quanto no ensinamento expresso no Evangelho de João: *Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará* (JOÃO, 32:8). Relacionei a libertação citada no Evangelho ao exercício da autonomia²⁹⁶ e a partir dos questionamentos sobre qual é essa verdade, como podemos conhecê-la e em que consiste a libertação. A pergunta norteadora do estudo

²⁹⁵ Trabalhadora da Fundação Allan Kardec

²⁹⁶ A autonomia é compreendida aqui como a capacidade do espírito espírita usar a sua liberdade, o seu livre-arbítrio, tomar decisões e agir em consequência dessas escolhas.

foi: Qual a importância da autonomia para a nossa evolução espiritual? Para responder a essa pergunta fizemos uma revisão sistemática de algumas obras da literatura espírita, de Kardec, Emmanuel e Joanna de Ângelis, buscando compreender a importância da autonomia na busca da verdade que liberta.

Organizei o artigo em duas seções: a primeira abordou o conhecimento que liberta; e a segunda tratou da compreensão do que é o processo de libertação referido por Jesus. Ao abordar as duas temáticas, procurei apresentar alguns princípios gerais deduzidos dos ensinamentos recolhidos nas obras estudadas, relacionando-os ao princípio da autonomia, enquanto adjetivo da educação.

Jesus nosso modelo e guia nos oferece seu evangelho como roteiro para a nossa libertação. Temos que conhecer, meditar, sentir, agir conforme o Mestre nos orienta. Detenho-me principalmente no esforço para compreender o significado desse “conhecer”. Referimos Kardec quando nos afirma que “a convicção não se impõe”, portanto, é preciso ensinar pela persuasão e pela brandura (KARDEC, 2004, p 361).

Cabe à educação combater as más tendências ancorada em uma compreensão aprofundada da natureza moral do homem. É necessário conhecer essa natureza para transformá-la.

A educação enquanto processo que forma caracteres, cria ‘hábitos de ordem, providência e respeito consigo mesmo e com os demais, — hábitos que permitirão atravessar com menos dificuldade os dias ruins que não pode evitar’ (KARDEC, 2004, p 306). Entretanto Vinicius (1976) alerta que a educação é tarefa em que o interessado necessita agir e lutar, desempenhando sua parte; senão não haverá para ele nem mestre nem salvador. Em síntese, a educação é evolução individualizada, que se processa de forma consciente e intencional onde o próprio indivíduo co-opera, convertendo-se em auto-educação (SILVA, 2015, p 259).

Assim destaco a importância da autonomia nesse processo de busca da verdade que liberta. “O que caracteriza a autonomia em nosso processo de libertação é a internalização da Lei de Deus, é assumir nossa parte na criação” (SILVA, 2015, p 259).

Com base nas orientações de Joanna de Ângelis, compreendi que o processo de libertação reside na edificação da consciência no Evangelho de Jesus. Para isso, é necessário aceitar os desígnios de Deus com alegria, ter consciência de si, conquistar valores nobres, educar e disciplinar a vontade (FRANCO, 2014; MACHADO, 2012).

Concluí que a construção de valores cristãos exige o envolvimento do Ser em experiência significativa. Portanto, é “somente uma educação emancipatória que promoverá consciências autônomas que desenvolverão habilidades de autoregulação que permitem ao espírito dirigir sua própria conduta” (SILVA, 2015, p 262).

2. Aprendizagens sobre a autonomia

Sendo a educação²⁹⁷, uma tarefa central para a Doutrina Espírita, importa pensar nos possíveis comprometimentos relacionados à autonomia dos

²⁹⁷ Entendida aqui como autoeducação, que na perspectiva do espírito espírita também é sinônimo de autoevangelização.

espíritas que atuam na Amazônia. No capítulo de abertura do livro *Luzes sobre a Amazônia*, somos convidados a pensar sobre os nossos débitos com a região. O ministro Samir nos diz que: “ao invés da evangelização pelo exemplo fraternal, violentamos as consciências pela catequização invasiva, sem respeitar as diferenças e, de fato, mais objetivando as riquezas...” (CAMPÊLO, 2015, p 32). Pensamos que essa pista sobre nossa responsabilidade relativa ao processo de construção da Amazônia nos remete à necessidade de atuarmos na educação a partir de outra perspectiva, agora “respeitando a lei maior da concessão do livre-arbítrio, estimularemos o quanto pudermos a difusão moral do Cristo em todos os segmentos da sociedade daquela região... seja no campo social, político, científico ou religioso” (CAMPÊLO, 2015, p 32).

Na instituição espírita é relevante compreender o sentido dessa libertação quando pensamos na autoeducação propiciada pelo engajamento no estudo espírita e no trabalho no bem. Com esse estudo aprendi que o convite que a Doutrina Espírita nos faz é para caminharmos com autonomia, conscientes dos nossos passos e entregues aos designios de Deus. Isto se faz progressivamente tanto no âmbito individual quanto no coletivo. O Evangelho de Jesus está repleto de lições de educação emancipatória que nos guiam na construção do reino de Deus em nós. Assim pensar sobre o sentido do que fazemos pode contribuir para tomarmos consciência do que nos move, de quais são os nossos comprometimentos e colaborar para que nos vinculemos com o projeto espiritual coletivo e individual.

Se o trabalho da evangelização espírita é o de formação de uma mentalidade cristã é necessário compreender que o potencial de luz do nosso espírito deve fulgir em sua grandeza plena. E semelhante feito somente poderá ser atingido pela educação que nos propicie o justo burilamento. Mas a educação, com o cultivo da inteligência e com o aperfeiçoamento do campo íntimo, em exaltação de conhecimento e bondade, saber e virtude, não será conseguida tão só à força de instrução, que se imponha de fora para dentro, mas sim com a consciente adesão da vontade que, em se consagrando ao bem por si própria, sem constrangimento de qualquer natureza, pode libertar e polir o coração, nele plasmando a face cristalina da alma, capaz de refletir a Vida Gloriosa e transformar, conseqüentemente, o cérebro em preciosa usina de energia superior, projetando reflexos de beleza e sublimação (XAVIER, 2009, p 27-28).

Como nos alerta Emmanuel, é preciso a adesão da vontade para o despertar da divindade da alma, num processo autônomo, livre, que se dá principalmente ao contato do amor do educador, corroborando a afirmação de Sarmiento (2013, p 427) que nos apresenta Jesus como “o Divino Pedagogo institui uma nova forma de relacionamento dos homens para com Deus que (...) concita os homens a tomarem parte na grandiosa Obra de Deus, assegurando-lhes... ‘sois deuses’ e filhos do Altíssimo”.

Nossa atuação como educadores é mais potente, em grande parte, pelo exemplo do vínculo com o conhecer do que pelo “conhecimento em si”. Portanto, este processo não é apenas instrucional é relacional e pode ser fortalecido pelos laços do afeto, da solidariedade e da fraternidade entre todos os envolvidos.

Na atualidade as duas principais ações desenvolvidas por nós, trabalhadores espíritas, na busca por nosso aprimoramento, são o estudo e o trabalho no bem. Para avançar na nossa vinculação com a obra do bem, é

importante nos questionarmos: o que tem nos motivado a fazer o que fazemos da forma como fazemos? Não tenho respostas, mas inquietações que, espero contribuam para uma tomada de consciência gradativa. Daí a importância da avaliação constante, da abertura para a construção coletiva, da adoção de metodologias emancipatórias e da compreensão de que estamos igualmente em aprendizado constante.

“O educador é aquele que deflagra um processo de educação, tocando a alma do outro, para que ele tome em suas próprias mãos a obra de seu aperfeiçoamento” (FEB, 2013, p. 12). Assim para trazer nossa luz à tona, através da evangelização espírita com a qual buscamos acessar conhecimentos que libertam, temos que investir na construção de espaços educativos que, conforme nos orienta Vinicius (1976), possam despertar os poderes latentes do espírito, gerando confiança própria, bom senso, estimulando a vontade, possibilitando a compreensão das interdependências e da submissão aos desígnios do Cristo.

3. Aprendizagens sobre mim

A questão da autonomia sempre apareceu como dilema em questões relacionadas ao meu papel de aprendiz e de educadora, seja como mãe, filha, professora ou trabalhadora espírita. Surgem inquietações relacionadas à forma de educar a mim mesma, bem como em relação aos limites da minha intervenção em relação ao Outro com quem convivo nos diversos papéis que exerço. Qual são as minhas responsabilidades? O quanto interfiro no caminhar do Outro? Como encontrar um ponto de equilíbrio?

Buscando referências na Doutrina Espírita, sempre fico maravilhada com uma pedagogia libertária fundada na lei de amor, que estou longe de compreender, mas que almejo alcançar no futuro. O amor incondicional, a benevolência dos benfeitores para conosco, que ainda somos incrédulos, teimosos, orgulhosos e persistimos em muitos erros, são inspirações para pensar em como conduzir o esforço de autoeducação. Como nos alerta Sarmiento (2013, p 426):

A iniciativa de amar parte de Deus. É Ele quem primeiro ama e convida ao Seu amor, mediante a compreensão e aceitação espontânea das leis naturais que conduzem à perfeição. Jesus, Modelo e Guia da Humanidade Terrena, Espírito da mais alta envergadura que a Terra já pode ver (KARDEC, 2011: Questão 625), também nos amou primeiro e, ciente de que somente vivenciando o amor poderiam os homens evoluir, dedicou-se a ensinar e a exemplificar essa lei magnânima em tudo que fez e falou durante todo o tempo em que permaneceu na Terra (SARMENTO, 2013, p 426).

Tomar o evangelho como caminho ascensional e buscar sincronia com a Lei de Amor é recurso possibilitado pelo estudo e exercício no bem. Nesse esforço humilde e limitado, o desafio da convivência com irmãos com diferentes níveis de consciência tem me oferecido a oportunidade de pensar que além de cumprir as minhas responsabilidades pessoais, familiares, profissionais é necessário colaborar com o coletivo. Fazer o melhor que puder, mas também ser solidária e fraterna, sendo sensível às necessidades do Outro, respeitando as possibilidades de cada um, encorajando e nos disponibilizando a estar

juntos com alegria. É sempre me enxergar como espírito eterno e me vincular ao esforço de ser melhor a cada dia. Nesse sentido, conhecer é compreender cada vez mais as minhas responsabilidades, descobrir minhas fragilidades, investir nas mudanças necessárias. A Lei de Amor nos conecta a todos os seres “porque é da lei que os seres, atraídos uns aos outros, se ajudem, mutuamente, no exercício do amor, do qual não podem fugir” (SARMENTO, 2013, p 428).

O estudo do tema me suscitou reflexões sobre as inquietudes espirituais referidas acima, especialmente sobre a necessidade constante de refletir sobre qual é a minha colaboração no serviço divino da evolução e entender que a obra é do Cristo. Nesse sentindo, desafio-me a ampliar a compreensão do que significa servir, indagando a mim mesma qual é o fundamento das atividades que realizo na terra. Para quem trabalho.? A quem ofereço o fruto do trabalho de cada dia? Imagino que essas reflexões me ajudarão a tomar consciência das minhas necessidades de aprimoramento e fornecerão maior possibilidade de gradativamente ter mais autonomia na construção da minha trajetória. Tendo sempre a certeza de que todo trabalho é oportunidade santa (XAVIER, 2008).

Espero, à medida que ampliar e despertar minha consciência, possa aderir às leis divinas. Imagino que este é um dos compromissos que merecem minha atenção.

o deixar para trás o pensamento arcaico ou primitivo, consoante o qual o ser vive guiado pelos instintos, limitado à satisfação dos seus desejos primários; passando pelo pensamento mágico/mitológico, consubstanciado, v.g., pela adoção de religiões salvacionistas, nas quais o ser é salvo de maneira mágica, por uma “graça” divina; alcançando o pensamento racional, que possibilita aos indivíduos uma maior compreensão das infinitas possibilidades que os aguardam no porvir, para, finalmente, atingir-se um patamar evolutivo no qual o ser se descobre como Filho de Deus e consegue, então, se ver como o único responsável pelo despertar da sua consciência (homo noeticus), rumo ao ápice da sua jornada que se verificará com a perfeita comunhão (consciente) com Deus (SARMENTO, 2013, p. 427-428).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões que compartilho neste artigo são limitadas pelo pouco conhecimento que possuo, mas são fruto de um esforço sincero de compreensão, da vontade de saber um pouco mais a cada dia e da grande motivação em estudar a Doutrina Espírita. Extrair o espírito da letra e resgatar a mensagem de Jesus como nos ensina Paulo em sua carta aos Romanos (1:7) é uma das aprendizagens que a Doutrina Espírita tem me proporcionado. Essa aprendizagem tem sido importante para compreender a pedagogia de Jesus que tenho traduzido, até este momento, na compreensão de que é preciso superar condicionamentos, desvelar o sentido do que fazemos, da importância, da disciplina e da dedicação ao trabalho e do entendimento de que a tarefa da educação é também tarefa coletiva.

Ser espírita na Amazônia implica em ser sensível às necessidades da coletividade dessa região, e somar esforços para a produção de novas relações sociais a partir da minha pequenez e do lugar em que me encontro. É

entender que enquanto trabalhadora-assistida em busca de aprimoramento, as oportunidades de trabalho e estudo que tenho hoje, me vinculam a um projeto individual, que considero terapêutico, mas também a um projeto coletivo, afinal não é por acaso que estamos onde estamos.

Tomar consciência dessas responsabilidades me ajudará no futuro a agir com mais consciência e com intencionalidade na busca por aprender a me conhecer, a viver, a ser e a amar. Desenvolver exige envolvimento constante no trabalho do bem aliado ao estudo disciplinado, rumo à emancipação e despertar da consciência. Com as bênçãos de Jesus, que possamos seguir adiante!

REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

CAMPELO, M. **Luzes Sobre a Amazônia**. Pelo Espírito Joel Manaus: Casa Bendita, 2015

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **A educação espírita**. Roteiro 5. Estudo aprofundado da doutrina espírita. Programa Filosofia e Ciência Espíritas. Disponível em <http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2013/05/Roteiro-5-Educacao-Espirita.pdf> Acesso em 01 Agosto 2017.

FRANCO, D. **O despertar do espírito**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador: LEAL, 2014.

KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 2004.

MACHADO, José Alberto da Costa. **Desafios do ser**: as grandes perguntas de Jesus. Palestra na IV Semana Espírita de Manaus em 24/07/2012.

SARMENTO, Rosália Guimarães. Lei de Amor: A Lei Fundamental do Universo na Constituição dos Mundos e dos Seres. **Anais do III Simpósio da Fundação Allan Kardec**. Out/2013. Disponível em www.faknet.org.br. Acessado em 24/09/2017

SILVA, Iolete Ribeiro da. Importância da autonomia para a libertação do ser. In: **Anais do IV Simpósio da Fundação Allan Kardec**. Out/2015. Disponível em www.faknet.org.br. Acessado em 24/09/2017.

VINICIUS, P. de C. **O mestre na educação**. Rio de Janeiro: FEB, 1976.

XAVIER, F.C. **Pão Nosso**. Mens. 57. Perante Jesus (p. 68). Pelo espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 2008.

XAVIER, F.C. **Pensamento e vida**. Pelo espírito Emmanuel. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 5, p. 27-28

